ENTRE AULAS, PESQUISAS E CUIDADOS: A MATERNIDADE COMO TRABALHO INVISÍVEL NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

Clecia Maria Lopes do Nascimento [1]

Resumo:

Nas últimas décadas, a presença da mulher em diversas esferas da vida social tem crescido consideravelmente, e no âmbito acadêmico, não foi diferente, sobretudo nos cursos de licenciaturas. Contudo, o progresso da participação feminina nesses espaços não foi respaldado por políticas públicas que promovam a equidade e os direitos sociais. Logo, as desigualdades de gênero continua sendo um fenômeno multidimensional que permeia a vida acadêmica, especialmente àquelas que tentam conciliar a maternidade, estudos e trabalho docente. Este artigo discute os dilemas e desafios da maternidade durante a formação inicial das mães universitárias e das professoras universitárias que são mães. O objetivo da pesquisa é entender os desafios e as táticas de resistência dessas mães universitárias, assim como, das professoras mães do curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA diante da sobrecarga que envolve os pilares da vida acadêmica e materna. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa e exploratória, utilizando questionário online e entrevistas semiestruturadas. Os resultados sugerem que a maternidade exerce uma influência significativa na gestão do tempo dessas mães acadêmicas evidenciando a necessidade de políticas institucionais mais sensíveis às condições vivenciadas por mulheres mães no ensino superior.

Palavras-chave: maternidade; docência; gênero; universidade.

Introdução

A sociedade contemporânea vem passando por intensas e rápidas mudanças em sua estrutura social, nas interações sociais, nas dinâmicas culturais, no funcionamento e na organização das instituições. Na universidade, não tem sido diferente. Entre essas transformações, destaca-se a crescente presença das mulheres no ensino superior, tanto como estudantes quanto como integrantes da classe trabalhadora.

Historicamente, as mulheres lutaram para conquistar o direito de adentrar esses espaços e, ao longo do tempo, ampliaram sua participação nas carreiras acadêmicas. Contudo, a permanência nessas instituições, bem como as condições de crescimento e de

[1] Docente do curso de Pedagogia, de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Campus Ibiapaba, São Benedito-CE. Licenciada em Pedagogia, Ciências Sociais e Filosofia, Mestre em Sociologia. Email: clecia_maria@uvanet.br

desenvolvimento profissional e acadêmico, ainda está relacionada às desigualdades de gênero inerentes ao tecido social.

Dentre esses dilemas, destacam-se as dificuldades em conciliar a vida profissional, a maternidade e a produção intelectual, tanto na formação inicial quanto na atuação profissional. Embora a maternidade não seja um fator presente na vida de todas as mulheres, quando se torna uma experiência vivida, pode modificar e impactar a organização da rotina de estudos e de trabalho, bem como a participação dessas mulheres nas carreiras acadêmicas.

No âmbito acadêmico, universitárias e professoras tentam conciliar a tripla jornada, buscando equilibrar, com harmonia e êxito, as diversas instâncias da vida social. Nesse contexto, as demandas e responsabilidades da maternidade, associadas ao trabalho intelectual, tornam-se um fardo pesado para algumas acadêmicas que são mães.

Entretanto, na busca por conciliar as demandas acadêmicas com as responsabilidades que a maternidade exige, torna-se necessária uma reorganização da gestão do tempo e da rotina dessas mulheres, estabelecendo prioridades para as pendências mais urgentes e criando possibilidades de conciliar a vida estudantil com as demais esferas da vida. As demandas da vida universitária para as mulheres, especialmente para aquelas que são mães, exigem grande dedicação e envolvimento. Nesse cenário, contudo, a maternidade frequentemente assume o caráter de um trabalho invisível ou de uma atuação romantizada e heroica de quem, de forma quase utópica, consegue dar conta de tudo de maneira harmoniosa.

Dessa forma, essa invisibilidade acarreta uma sobrecarga e tensões que impactam as universitárias e professoras que são mães, influenciando sua produtividade e sua desenvoltura intelectual. Além disso, essa dimensão da maternidade vivenciada fora da universidade não é reconhecida ou considerada pelas estruturas das instituições de ensino superior no que se refere às exigências de produtividade acadêmica.

Assim, compreender e refletir sobre as desigualdades de gêneros a partir da relação da maternidade e vida acadêmica é essencial para entender as relações de poder nesse espaço universitário. Logo, partimos da seguinte questão: como a maternidade afeta a trajetória acadêmica e profissional das estudantes e professoras do curso de Pedagogia da UVA Campus Ibiapaba, particularmente no que diz respeito ao ensino, à pesquisa e à gestão do tempo?

Diante dessa problematização refletimos a sobrecarga invisível da maternidade, formação inicial dessas mães universitárias e a forma como a maternidade interfere na produtividade acadêmica a partir dos autores.

Levando em conta a crescente expansão do ensino superior, torna-se relevante investigar se esse processo ocorre dentro de parâmetros de equidade e empatia ou se, ao

contrário, acaba por reproduzir estruturas de desigualdade de gênero tão presentes na organização da sociedade. A análise desse tema permite compreender de que maneira as demandas da maternidade influenciam e podem afetar a trajetória acadêmica das mulheres no ensino superior.

Além da relevância social e científica do tema, a pesquisa também se justifica pela experiência da autora enquanto docente universitária, pesquisadora, esposa e mãe, que vivencia a chamada tripla jornada entre ensinar, pesquisar e maternar. Estar em ambas as posições, como pesquisadora e como sujeito que experiencia essa realidade, possibilita estranhar o familiar, conforme propõe Velho (2008), permitindo uma aproximação sensível e reflexiva com o tema. Tal perspectiva não compromete o rigor metodológico da pesquisa; ao contrário, enriquece a análise ao incorporar uma sensibilidade crítica diante das experiências e dos desafios presentes na rotina acadêmica e laboral.

Refletir acerca da maternidade e do trabalho acadêmico insere-se em um contexto mais amplo de debates sobre gênero, divisão social do trabalho e desigualdades estruturais que permeiam as instituições de ensino. Nesse sentido, a revisão da literatura dialoga com as contribuições de Scott (1990), ao compreender que as relações de gênero vão além de uma simples diferença entre homens e mulheres, configurando-se como um sistema de poder desigual e historicamente estruturado que incide sobre as mulheres.

Nessa perspectiva, Saffioti (2015) corrobora que a sociedade capitalista se organiza a partir de uma divisão sexual do trabalho, que historicamente atribuiu às mulheres as responsabilidades pelos cuidados maternos e pelo trabalho doméstico. De modo semelhante, bell hooks (2013) ressalta que as instituições de ensino são permeadas por relações de poder e desigualdades sociais, reproduzindo hierarquias de gênero, raça e classe.

Conforme destaca Nóvoa (2009), a formação de professores está diretamente relacionada às suas trajetórias pessoais, uma vez que as experiências pessoais e profissionais se articulam e condicionam a constituição das identidades e das práticas docentes. Assim, a maternidade representa uma dimensão da vida pessoal que influencia diretamente a formação docente e a construção de sensibilidades pedagógicas no campo profissional.

A abordagem metodológica trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, direcionada a compreender as percepções de mulheres na universidade, seja universitária ou docente, que conciliam maternidade e vida acadêmica. A abordagem qualitativa permitiu interpretar os sentidos e significados através dos relatos, vivências e narrativas das participantes. Os instrumentos de coletas de dados das participantes foi a aplicação de questionário online (Google Forms) enviado às estudantes mães, com questões

fechadas e abertas sobre os desafios da maternidade, vida acadêmica e rede de apoio. Assim como, foram aplicadas também um questionário específico para algumas docentes universitárias, com o intuito de compreender a trajetória acadêmica e os impactos da maternidade à produção científica.

O pré-requisito para participar da pesquisa era ser mãe e está matriculada em diferentes períodos da graduação na universidade ou ter algum vínculo empregatício na instituição, no caso das docentes mães. O lócus de pesquisa é a Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Campus São Benedito no curso de Pedagogia, onde estão situadas as participantes da pesquisa. A pesquisa englobou as universitárias mães de todos os períodos do curso de Pedagogia que se propuseram a responder o questionário e às professoras somente aquelas que se encaixavam no perfil.

Seguimos a proposta de Bardin (2016) e a pesquisa foi dividida em três etapas: pré análise e organização do material da pesquisa; exploração do material a partir da interpretação das entrevistas e identificação de categorias temáticas e ainda a fase de resultados e interpretações dos dados.

De acordo com Laurence Bardin (2016), a categorização e classificação dos dados em unidades temáticas, permite o pesquisador agrupar os dados entre semelhanças e significados para interpretação sistematizada dos dados. Dessa maneira, as categorias atuam como instrumentos analíticos para compreender a realidade social com base nos relatos obtidos dos participantes. Logo, nesta pesquisa temos como categorias temáticas de análise: 1. maternidade e sobrecarga invisível; 2. Impactos da maternidade na produção acadêmica; 3. Gestão de tempo e rotina na vida acadêmica; 4. Rede de apoio como estratégias de resistência desafios da maternidade no contexto acadêmico.

Diante desse questionamento, temos como objetivo geral refletir sobre os desafios e as estratégias de resistência das acadêmicas e professoras que também são mães, quando necessita produzir academicamente seja no ensino, pesquisa ou maternidade.

Os objetivos específicos almejam conhecer as dificuldades que as universitárias mães enfrentam na universidade, assim como, entender como a maternidade influencia na produção acadêmica e participação dessas estudantes em pesquisas e produções acadêmicas. Além disso, investigar também as formas de resistência e os apoios que essas mães universitárias utilizam para permanecer no âmbito acadêmico.

Desenvolvimento

O dilema da conciliação entre maternidade e vida acadêmica demonstrou ser um dos principais desafios citados pelas acadêmicas mães na UVA. A necessidade de equilibrar a rotina universitária, as demandas por produtividade científica com as responsabilidades familiares demanda incessante planejamento e organização da rotina e da gestão do tempo entre maternar e estudar.

Conforme Beauvoir (2016) enfatiza que os papéis sociais atribuídos às mulheres são construções históricas que unificam o feminino ao cuidado da prole e tarefas doméstica dentro de casa. Diante disso, mesmo quando essas mulheres se integram a espaços públicos muitas ainda continuam carregando sozinhas a organização e cuidado com os filhos.

Badinter (1985) retrata o mito do amor materno e desconstrói a ideia de que a maternidade é algo inerente, um "instinto natural e inato" de todas as mulheres, supostamente justificado pelas condições biológicas do corpo. A autora enfatiza que esse mito foi construído historicamente, sendo determinado por fatores culturais e sociais e consolidado na experiência da convivência materna, também marcada por medo, incertezas e fragilidades. Essa perspectiva contribui para desnaturalizar a romantização e o heroísmo da maternidade impostos às mulheres.

Ainda conforme Badinter (1992), a mulher era historicamente reduzida à condição de objeto de prazer, serva do marido e, posteriormente, dos filhos, sendo destinada a gerar a prole para dar continuidade à espécie e a se contentar em viver com a dor do parto, o sofrimento ao longo da vida e, por fim, com a rejeição na velhice. Nesse sentido, "a maternidade, tal como concebida no século XVIII, a partir de Rousseau, é entendida como um sacerdócio, uma experiência feliz que implica também necessariamente dores e sofrimentos. Um real sacrifício de si mesma" (Badinter, 1985, p. 249). A herança desses discursos reforça a naturalização da atribuição dos cuidados exclusivamente às mulheres, bem como a romantização da sobrecarga materna.

Nesse sentido, torna-se necessário problematizar e estranhar as imposições sociais que recaem sobre as mulheres, especialmente sobre aquelas que são mães, no que diz respeito à expectativa de conciliar, de forma aparentemente harmoniosa e, muitas vezes, solitária, as múltiplas jornadas da vida pessoal, familiar e profissional. A cobrança para que essas mulheres consigam desempenhar, com excelência, todos esses papéis simultaneamente acaba gerando uma sobrecarga significativa e, muitas vezes, invisível.

Tal exigência revela-se não apenas injusta, mas também prejudicial, pois produz impactos negativos na saúde mental dessas mães, ao intensificar sentimentos de culpa, exaustão e pressão constante por desempenho em diferentes esferas da vida.

No caso das estudantes de Pedagogia da UVA que são mães, essa realidade pode ser observada em situações como reprovações em disciplinas, afastamentos decorrentes de quadros de ansiedade e depressão, além da baixa participação e do reduzido envolvimento em grupos de estudo e pesquisa no contraturno. Soma-se a isso a não submissão de trabalhos acadêmicos para eventos científicos e as dificuldades para participar de atividades acadêmicas extracurriculares, como estágios e projetos de extensão. Nesse contexto, a sobrecarga decorrente da maternidade resulta na limitação do tempo disponível para que essas estudantes acompanhem plenamente as atividades da vida universitária.

A tripla jornada e a sobrecarga acabam afetando o rendimento acadêmico e a participação integral nas atividades universitárias. Nesse contexto, emergem sentimentos de culpa materna e a pressão acadêmica por resultados e desempenho. Diante dessas exigências, algumas estudantes chegam a trancar a matrícula, reprovar ou até mesmo desistir da graduação por não conseguirem lidar com as demandas provenientes dessas diferentes esferas da vida.

Além disso, a pressão institucional e o produtivismo acadêmico ainda permeiam o ensino superior, uma vez que exigem, mesmo nos primeiros anos de vida dos filhos, a mesma quantidade de produção acadêmica e de mensuração de conhecimentos anteriormente demandadas, desconsiderando as desigualdades de gênero e as novas experiências agora vivenciadas por essas jovens mães universitárias. Nesse sentido, a produção acadêmica passa a ser frequentemente mensurada como um critério de legitimidade, prestígio, reconhecimento profissional e status no campo científico.

Conforme destaca Scott (1990), o gênero opera dentro de um sistema de poder que organiza e hierarquiza as relações sociais, devendo ser compreendido como uma categoria estruturante das relações de poder na sociedade.

No entanto, aquelas que não conseguem corresponder a essas expectativas sociais acabam tendo que lidar com a culpa materna, o desgaste emocional e a pressão decorrente da dificuldade de conciliar a maternidade com a performance na carreira profissional. Nesse sentido, bell hooks (2013) ressalta que as instituições sociais e educacionais tendem a reproduzir desigualdades sociais historicamente construídas e perpetuadas ao longo das gerações, mantendo hierarquias de gênero, raça e classe.

Resultados e discussão

O ingresso das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho representou uma conquista significativa impulsionada pelo movimento feminista, uma vez que está relacionado à ampliação de direitos sociais historicamente reivindicados por meio de lutas e mobilizações.

No entanto, esse avanço quantitativo não foi acompanhado, na mesma proporção, por condições efetivas de igualdade nesses mesmos espaços. Nesse cenário, os desafios enfrentados atualmente pelas mulheres resultam da sobreposição entre as tarefas domésticas e maternas, historicamente atribuídas a elas, e as novas exigências da contemporaneidade, que envolvem a busca por autonomia financeira, qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho.

Dessa forma, as demandas da universidade e do trabalho exigem disponibilidade de tempo, o que, muitas vezes, entra em conflito com as responsabilidades maternas e familiares. Algumas mães universitárias relatam que somente conseguiram permanecer na graduação porque contavam com uma rede de apoio familiar em casa. Esse suporte, em muitos casos, é composto pelo companheiro, pela avó materna, pela sogra ou por outros familiares que colaboram no cuidado com as crianças e na organização das tarefas cotidianas

Dessa maneira, a presença dessa rede torna-se fundamental para que essas mulheres consigam gerir o tempo entre as responsabilidades maternas, os estudos e, muitas vezes, também o trabalho. Assim, o apoio familiar cumpre um papel crucial na permanência dessas estudantes no ensino superior, permitindo que continuem frequentando as aulas, participando de atividades acadêmicas e dando continuidade à sua formação profissional. Como bem relata uma estudante:

> Uma das minhas maiores dificuldades para conciliar maternidade, universidade e trabalho é a organização do tempo entre os estudos e os cuidados com minha filha. Muitas vezes preciso dividir minha atenção entre as atividades da faculdade, as responsabilidades como mãe e as tarefas da casa. Embora eu conte com o apoio da minha mãe, o que facilita bastante a rotina, em alguns momentos sinto que não consigo estar tão presente na vida da minha filha quanto gostaria. Essa sensação acaba gerando em mim um sentimento de cobrança e culpa bastante intenso. (Mãe universitária 01)

Em contrapartida, universitárias que não têm acesso a esse tipo de rede de apoio enfrentam desafios ainda maiores em sua trajetória acadêmica. A ausência desse suporte humano torna mais difícil a organização da rotina e limita as oportunidades de envolvimento nas atividades acadêmicas, uma vez que, frequentemente, não há quem cuide dos filhos durante o deslocamento até a universidade ou enquanto dedicam tempo aos estudos.

Diante disso, essa circunstância pode resultar em exaustão mental, transtornos psicológicos, falta de confiança e até mesmo aumentar o risco de abandono dos estudos. Assim, fica claro que a presença ou ausência de redes de apoio afeta diretamente a permanência das mães universitárias no ensino superior, destacando a necessidade de políticas sociais e institucionais que atendam às demandas específicas dessas alunas. Como argumenta a segunda participante:

> Sem minha rede de apoio seria muito difícil frequentar a universidade. No horário em que estou em aula, minha filha está na escola, e sozinha eu não conseguiria buscá-la a tempo. Por isso, esse apoio é fundamental para que eu consiga continuar estudando e permanecer na universidade. (Mãe universitária 01)

> Tive essa experiência ainda muito jovem. Quando desejava ingressar na universidade, tornei-me mãe na adolescência e, por isso, precisei interromper meus sonhos naquele momento. Somente agora, depois de quase vinte anos, estou conseguindo retomar e realizar esse projeto de vida. Um dos fatores que mais dificultam essa trajetória é a questão do tempo. Além de ser mãe e precisar oferecer apoio, cuidado e atenção aos filhos, é necessário conciliar essas responsabilidades com as demandas da universidade, como estudar para provas, realizar trabalhos e participar das atividades acadêmicas. Outro desafio significativo é a falta de uma rede de apoio familiar mais consistente. Diante de tantas responsabilidades acumuladas, muitas vezes surge o cansaço físico e emocional. Em diversas situações, essa sobrecarga faz com que muitas mães universitárias acabem desistindo do sonho de concluir sua formação acadêmica. (Mãe universitária 02)

Outro ponto relevante observado na pesquisa foi que, em muitos casos, a principal rede de apoio das mães universitárias é a própria mãe, ou seja, a avó materna. Esse apoio revela uma dinâmica de sororidade entre mulheres, na qual mulheres apoiam outras mulheres para que possam se fortalecer, conquistar maior autonomia e conciliar as diferentes jornadas da vida cotidiana. Essa sororidade também é percebida nas salas de aula da universidade quando se observa que algumas tias, que também são universitárias da UVA, levam seus sobrinhos para a aula, a fim de que suas irmãs possam cumprir algum compromisso naquele turno.

Percebeu-se também que essa situação se torna ainda mais frequente quando jovens mães são abandonadas pelos genitores de seus filhos e não assumem a paternidade. Nesses casos, os cuidados com a criança e o suporte necessário para que a mãe continue seus estudos e atividades acadêmicas recaem, em grande parte, sobre a família de origem, especialmente sobre a mãe da estudante, e não sobre a família paterna da criança. Assim, a avó materna assume um papel fundamental na rede de apoio e na sustentação das condições que permitem a permanência dessas mulheres na universidade.

> Como tenho a ajuda da minha mãe fica moderadamente fácil, por ela ficar com minha filha para ir estudar, porém em relação aos trabalhos acadêmicos nem sempre é fácil, e como eu trabalho fora em dois turnos, tarde e noite fica mais complicado quando se trata dos trabalhos acadêmicos, a rotina é cansativa e alguns prazos são poucos. (Mãe universitária 06)

Diante dessa realidade, torna-se comum a presença de crianças nos espaços universitários e até mesmo nas salas de aula, acompanhando suas mães durante as atividades acadêmicas. Em muitos casos, isso ocorre porque essas estudantes não possuem uma rede de apoio para cuidar dos filhos em casa, especialmente em situações em que as crianças adoecem ou não podem frequentar a escola. Essa exaustão torna-se mais nítida quando essas mães

vivenciam a maternidade solo sem a ajuda e apoio do pai da criança, com bem enfatiza a universitária a seguir:

> Além de trabalhar fora, também preciso ajudar nas tarefas de casa e cuidar da minha filha. Muitas vezes, devido à rotina bastante puxada, torna-se difícil entregar os trabalhos dentro do prazo, participar de aulas extras ou mesmo ter tempo suficiente para estudar para as provas, entre outras atividades acadêmicas. Como não conto com a ajuda paterna, todas essas responsabilidades ficam sob minha responsabilidade. Assim, preciso conciliar trabalho, casa, maternidade, universidade e outras demandas do cotidiano. Por isso, acredito que todo tipo de apoio é bem-vindo, desde que contribua para melhorar as condições de quem enfrenta essa realidade. (Mãe universitária 02)

Com base nessas contribuições teóricas, a maternidade no ambiente universitário não deve ser compreendida apenas como uma vivência pessoal e isolada, mas como um fenômeno social que evidencia tensões entre as demandas institucionais da universidade e as responsabilidades de cuidado historicamente associadas às mulheres.

Segundo Federici (2019), o trabalho doméstico foi historicamente atribuído e naturalizado como responsabilidade das mulheres, sendo frequentemente invisibilizado e desvalorizado nas sociedades capitalistas a partir da divisão social do trabalho. Nesse contexto, configura-se uma dupla exploração: por um lado, no âmbito da sociedade capitalista e, por outro, no trabalho doméstico realizado dentro do espaço familiar, geralmente não remunerado. Como ressalta Federici (2019):

> embora isso não resulte em um salário para nós mesmas, produzimos o produto mais precioso que existe no mercado capitalista: a força de trabalho. O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo. Isso significa que, por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres (Federici, 2019, p. 68).

Compreender essas relações de poder revela a necessidade de repensar as estruturas acadêmicas e as políticas institucionais, a fim de garantir condições mais justas, baseadas na equidade, para a participação e a permanência de mulheres mães na universidade. Numa perspectiva bourdieusiana, a universidade não se configura como um espaço neutro, mas como um campo de poder e de disputas, atravessado por mecanismos estruturais e simbólicos que reforçam e reproduzem desigualdades. Nesse sentido, ao desconsiderarem que a produtividade acadêmica de uma mãe não será necessariamente equivalente à de um pai após os períodos de licença-maternidade e licença-paternidade, as instituições acabam por reproduzir formas de dominação que são naturalizadas e legitimadas no interior do campo acadêmico.

Almejando compreender essas desigualdades no interior do campus, questionamos as professoras universitárias que são mães acerca de quais mudanças seriam importantes nas

políticas acadêmicas para que a maternidade fosse considerada na avaliação da produção científica. Uma respondeu:

> *Ampliação do período de análise da produção científica, ao invés de 5 anos considerar 7 ou 8 anos para pesquisadoras que tiveram filhos, compensando o tempo de afastamento e adaptação. Criação de creches universitárias; ampliar prazos para entrega de relatórios, defesa de teses e conclusão de projetos quando há maternidade recente."* (Professora universitária 02).

A persistência e a esperança na construção de trajetórias acadêmicas e de políticas institucionais mais equitativas configuram-se como mecanismos de resistência e sobrevivência dessas professoras universitárias que também são mães.*:*

> *Passei por muitas lutas ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional. O que mais me ajudou a superar esses desafios foi a vontade constante de buscar meus sonhos e oferecer o melhor para minha família. Em diversos momentos estive cansada e desmotivada para continuar estudando e trabalhando, especialmente por estar longe dos meus filhos. Seguir uma vida acadêmica muitas vezes exige renúncias e implica passar longos períodos distante da família, pois demanda grande dedicação. A carga de trabalho permanece intensa e envolve o compromisso com a tríade indissociável da universidade — ensino, pesquisa e extensão o que, por vezes, reduz o tempo disponível para as vivências pessoais e familiares. Apesar dessas dificuldades, compreendo que são fases da vida que exigem esforço e perseverança. Acredito que, no futuro, essas realidades poderão se transformar, possibilitando maior reconhecimento das professoras que também são mães, bem como a construção de políticas institucionais que valorizem e apoiem essa condição.* (Professora universitária 02).

Apesar de muitas vezes a maternidade ser associada a dificuldades e obstáculos, ela também pode se constituir como uma potência pedagógica que contribui para a formação da identidade docente. A partir das experiências pessoais da maternidade, ligadas aos cuidados, à escuta, à paciência e à sensibilidade diante das emoções das crianças, podem emergir elementos que afetam positivamente a maneira como essas mulheres conduzem sua didática e sua prática pedagógica.

Freire (2019) argumenta que a educação deve inspirar-se nas vivências de mundo do sujeito, uma vez que suas experiências concretas compõem a construção do conhecimento sobre o mundo a partir de suas trajetórias na sociedade. Nesse sentido, a maternidade pode enriquecer e ampliar as percepções dessas docentes no contexto da sala de aula.

De modo semelhante, Nóvoa (2009) destaca que as experiências pessoais e profissionais dos educadores estão inter-relacionadas, e que a formação docente não se limita apenas à aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos. Nessa perspectiva, a maternidade também contribui para a construção de uma prática pedagógica mais empática e sensível às diferentes dimensões do desenvolvimento humano no âmbito educacional.

Conclusões

O estudo mostra que a maternidade tem um impacto direto na carreira acadêmica de alunas e professoras de Pedagogia, principalmente no que diz respeito à administração do tempo, ao envolvimento nas atividades acadêmicas e à produção de pesquisas.

Os resultados mostram que os maiores obstáculos e dificuldade que as mães universitárias enfrentam é o dilema de equilibrar as responsabilidades maternas e acadêmicas. A necessidade de gerenciar e organizar uma rotina que possibilite a participação em atividades complementares, projetos de pesquisa, extensão, estágios e eventos acadêmico, afeta diretamente o rendimento estudantil e o ingresso na vida profissional.

As participantes da pesquisa enfatizam que tentar conciliar maternidade, estudos, trabalho e afazeres domésticos causa exaustão mental e sobrecarga diária, que geralmente, ninguém ver e continua sendo trabalho invisível ou romantizado.

No que diz respeito as professoras mães universitária, um ponto interessante é a pressão estrutural pela continuidade da produção acadêmica que ignora as particularidades e rotina exaustiva nas mães nos primeiros anos da infância e adaptação nessa nova estrutura familiar. No que tange os critérios por produtividade acadêmica, continuam sendo uniforme para todos, sem levar em consideração as condições de trabalho e rotina de muitas mães pesquisadoras e professoras. Com isso, torna-se necessário a ampliação de prazos acadêmicos, implementação de creches universitárias ou auxílio creche em todas as universidades e consideração da maternidade nos critérios de ponderação da produtividade científica nos últimos anos.

Diante disso, o estudo demonstrou que a maternidade influencia diretamente no rendimento, disposição, tempo e produtividade das universitárias e das professoras. Com isso, torna-se necessário políticas institucionais mais sensíveis e empáticas às múltiplas facetas da rotina de uma mulher, ofertando suporte e condições mais equitativas de participação igual e permanência de universitárias e professoras mães na universidade.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2011.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Elefante, 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Expressão Popular/ Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In: VELHO, Gilberto (org.). **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.